



A CORPOREIDADE DA INTÉRPRETE DE LIBRAS NA PERCEPÇÃO DOS SENTIDOS PRODUZIDA POR INTERLOCUTORES SURDOS¹

Ciriane Jane Casagrande da Silva²

Resumo: Os referenciais teóricos especializados na área da surdez são profícuos ao tratar da importância da Libras como um fenômeno linguístico, contudo, nesta pesquisa, buscou-se um referencial sobre a corporeidade. Com esse olhar, voltado especificamente ao uso das “expressões não-manuais” na produção de sentidos, pretende-se uma interlocução entre a interpretação e a corporeidade da intérprete de Libras, ou seja, enxergar a interpretação para além da produção sustentada por um corpo dualista e tecnicista, para o “não dito”. Para tanto, foi realizada uma filmagem com cinco intérpretes e que foi analisada por seis surdos, na qual surgiram duas categorias: as expressões faciais e corporais e a interpretação no contexto da história. Com contribuições de Merleau-Ponty, entre outros autores, os resultados finais direcionam-se para o fato de que o uso adequado das expressões não-manuais e do conhecimento gramatical, não necessariamente redundam em um corpo que fala. A intérprete deve evidenciar, ao interpretar em língua de sinais, uma emoção, uma clareza, um sentido, isto é, uma corporeidade como instância de produção de sentidos para os surdos.

Palavras-chave: Intérprete. Língua de Sinais. Corporeidade. Inclusão.

A língua é um dos principais conectores do ser humano com a cultura e todo o seu entorno, e formas específicas de linguagem sempre fizeram parte da vida das pessoas, embora de formas diferenciadas. No caso da forma de comunicação específica da minoria linguística que são os surdos, a língua de sinais (Libras) é o conector entre o mundo dos surdos e dos ouvintes³ e vice-versa.

Como toda língua, como sistema organizado de linguagem, a Libras é utilizada como meio para a interação social, cultural e científica pelas comunidades surdas⁴. É uma língua que se caracteriza por ser visual-espacial, ou seja, realiza-se no espaço com articuladores visuais: as mãos, o corpo, os movimentos e o espaço de sinalização (QUADROS; KARNOPP, 2004). Detentora de um vocabulário e gramática própria; é autônoma em relação às demais línguas e possui um estatuto linguístico próprio, podendo ser analisada nos mesmos níveis linguísticos que as línguas faladas (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009)⁵.

¹ Este trabalho constitui-se no resumo da dissertação de Mestrado em Educação da autora, Universidade de Passo Fundo (UPF), 2009.

² Pedagoga e Educadora Física. Especialista em Educação Especial, Deficiência Auditiva e Deficiência Intelectual. Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Colégio de Aplicação. E-mail: ciriane.j@ufsc.br.

³ Adotei aqui a concepção elaborada por Skliar e Quadros (2000, p. 43), segundo a qual ouvintes são todos aqueles que não compartilham as experiências visuais enquanto surdos.

⁴ “O que caracteriza a herança cultural da comunidade surda é a língua de sinais, já provada pelos significados realmente diferentes e capazes de carregarem com desenvoltura aspectos de profundidade como qualquer outra língua mesmo na originalidade que lhe é peculiar” (PERLIN; MIRANDA, 2003, p. 220).

⁵ Os níveis linguísticos a que faço referência são os níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático da língua.



Na Libras são encontradas aproximadamente 46 configurações de mão, que apresentam diferentes movimentos em diferentes pontos do espaço. Os gestos correspondem às palavras, havendo por vezes dois ou três gestos iguais para palavras diferentes, o que exige complementar a mensagem com o uso simultâneo das expressões não manuais (ENM), que, conforme Ferreira Brito e Langevin (1995), situam-se no rosto, na cabeça e no tronco (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Os gestos são visuais e representam a ação dos atores que participam da interação por meio da imitação do ato simbolizando as relações com as coisas. As línguas de sinais aproveitam esse potencial dos gestos trazendo-o para dentro da língua, fazendo com que sinais visuais representem palavras envolvendo a organização da língua (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009, p. 15).

A língua brasileira de sinais, Libras, foi estabelecida como espaço linguístico e constitui-se como um grupo minoritário de cultura visual. A cultura surda é expressa por meio de “símbolos, basicamente visuais, cuja maior representação é a Língua de Sinais” (FADERS et al., 2002, p. 8). Esta cultura é compartilhada de geração em geração pelos costumes, hábitos, piadas e histórias. É através do contato entre os surdos, em suas associações e escolas, em seus clubes e bairros, entre outros lugares, que se constitui a cultura visual dos surdos. A aprovação da Lei nº 10.436 (24/04/2002), reconhece a legitimidade da Libras como forma de comunicação dos indivíduos surdos. De acordo com o seu artigo 2º:

Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil (BRASIL, 2002, p. 2).

Posteriormente, o decreto federal 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005), regulamentou a referida lei, incluindo a Libras como disciplina obrigatória em cursos de formação de professores e normatizando a formação do professor e do instrutor de Libras e a formação do tradutor e da intérprete de Libras – Língua Portuguesa, como estratégias para estabelecer e consolidar a educação bilíngue e a inclusão dos sujeitos surdos nos diferentes níveis de ensino. Tais decisões lançaram luzes sobre o trabalho de alguns personagens importantes para o processo educativo dos surdos, dentre os quais *as intérpretes de Libras*.

Como um ato cognitivo-linguístico, a intérprete realiza o ato de tradução para indivíduos que apresentam intenções comunicativas específicas em um dado momento e que utilizam línguas diferentes. A intérprete, para ser qualificada, deve dominar de forma efetiva a língua de sinais e, no caso do Brasil, a língua portuguesa. Além do domínio das línguas envolvidas no processo de tradução e interpretação, a profissional precisa ter qualificação específica para atuar como tal. Isso significa ter domínio dos processos, dos modelos, das estratégias e técnicas de tradução e interpretação. O profissional intérprete também deve ter formação específica na área de sua atuação (QUADROS, 2004).

Meu interesse pela intérprete de Libras surgiu ao participar de um seminário sobre surdez em 2003, em Passo Fundo, Rio Grande do Sul. No evento, enquanto o



palestrante falava, a intérprete fazia a tradução para os surdos presentes. Entretanto, observei que os sinais dessa profissional evidenciavam mais que o uso do movimento das mãos, havia expressões faciais acompanhando os sinais, uma troca de olhares, uma cumplicidade visual que mantinha o grupo de surdos presentes “conectados” à intérprete.

No mesmo evento, após o intervalo da palestra, outra intérprete entrou na sala. Identifiquei então uma diferença na forma de traduzir e comecei a observar com mais atenção o motivo pelo qual a qualidade da interpretação havia sido alterada. Percebi que os sinais estavam sendo executados corretamente, mas de forma mecânica, cartesiana; o rosto da intérprete era impassível e o corpo, ausente. E sendo assim, a sintonia com a maioria dos surdos acabou... A partir deste momento, a interpretação deixou de cativar a minha atenção e comecei a ouvir o palestrante. Entretanto, os surdos presentes, como teriam se sentido nessa situação? Teriam constatado, como eu, a diferença no desempenho da intérprete?

Desta forma, atenta ao lugar do corpo no processo de comunicação e nos processos pedagógicos, tendo uma história profissional e acadêmica voltada à Educação Física e à Educação Especial e como especialista na área da Deficiência Auditiva, direcionei meu interesse de pesquisa para algumas abordagens que permitissem mostrar a outra face do processo interpretativo, o “não-dito”, ao analisar o contexto corporal “vivo” e significativo da intérprete.

Para Soares, “uma educação que se mostra como face polissêmica e se processa de um modo singular: dá-se não só por palavras, mas por olhares, gestos, coisas, pelo lugar onde vivem” (2001, p. 110). Ao mesmo tempo, não obstante o fato de as expressões não manuais constituírem a língua de sinais, entendo que o corpo, como afirma Merleau-Ponty (1999), é cheio de significados, um espaço expressivo, um conjunto de significações vividas, não apenas uma matéria, mas algo sensível a tudo e a todos, que vibra e dá ao ato de articular uma palavra, e aos gestos, uma significação especial. O corpo, segundo esse filósofo francês, difere de tudo que o rodeia, pois tem capacidade de sofrer, de ser alegre, por não termos um corpo, *mas sermos um corpo*.

O corpo é a unidade máxima de representação do ser humano e por isso adquire importância para toda vida e cultura. Para viver é necessário a mediação do corpo, que é o primeiro dos objetos culturais, o portador dos comportamentos. Vive-se com o corpo (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 15).

O corpo não é algo que existe por si só, mas é um conjunto de significados, pois o corpo e a alma se constituem em uma unidade estrutural. O corpo é experiência vivida, fruto de intermináveis e sucessivas leituras e releituras de todas as percepções que passam as nossas narrativas de vida.

É por meio do meu corpo que apreendo as coisas ao meu redor, de acordo com as situações que vivencio. Minha presença no mundo é uma presença corporal, não de um corpo-máquina, mas de um corpo vivo, em que existe uma intencionalidade em cada uma das suas ações. O modo como meu corpo se encontra no mundo é expresso pela presença corporal, a qual define a forma como vivencio o mundo, isto é, a zona de corporeidade. É habitando o espaço e o tempo que minhas ações adquirem um sentido que é atribuído pela corporeidade. Esta, por sua vez, funda-se no corpo-próprio, na



motricidade, a qual me permite estar no mundo, viver, interagir e, assim, poder compreender o seu sentido. Por meio da corporeidade é que nos desvelamos muitas vezes de forma imperceptível; damos a ver nossos pensamentos, sentimentos, de acordo com o nosso cotidiano e com todas as narrativas que compuseram e compõem nossas histórias de vida.

Considerando a presença importante da intérprete no acesso ao mundo cultural compartilhado pelo surdo com o ouvinte; a compreensão de que o seu corpo é algo que pode e deve ser muito mais que um portador de sinais não manuais ao repassar uma mensagem e o fato de que as expressões corporais e faciais influenciam na recepção da mensagem de forma mais eficaz pelo surdo, podemos perguntar em que medida o corpo da intérprete, considerado como um objeto cultural, um portador de comportamentos, que mostra emoções, que interage e que produz empatia, expressa-se na relação que mantém com o interlocutor surdo. Ou de outra forma: o intérprete, ao usar a língua de sinais corretamente e as expressões não manuais de forma adequada, faz, na percepção do surdo, o suficiente para que ele compreenda a mensagem que lhe é endereçada? A língua de sinais “[...] requer anos de estudo e prática para ser bem compreendida e produzida. Não basta ter um vocabulário enorme de uma língua, a pessoa precisa ‘entrar’ na língua, ‘viver’ a língua para poder ensinar por meio dela” (QUADROS, 2006, p. 9).

As pesquisas na área da surdez são profícuas ao tratar da língua de sinais, de sua aquisição e uso como um sistema linguístico. Entretanto, o meu objetivo nesta pesquisa foi buscar um “olhar” diferente ao analisar a importância da corporeidade da intérprete de Libras, na percepção dos sentidos que os interlocutores surdos produzem. Acredito que a compreensão requer algo para além dos elementos já descritos pelos estudos sobre a gramática da Libras, pois, como afirma Merleau-Ponty (1999, p. 200), “compreender é experimentar o acordo entre aquilo que visamos e aquilo que é dado, entre a intenção e a efetuação - e o corpo é o nosso ancoradouro em um mundo”.

As expressões faciais/corporais são de fundamental importância para o entendimento do sinal, visto que a entonação na Libras, é feita pela expressão facial. A expressão facial/corporal para os surdos pode traduzir alegria, tristeza, raiva, amor, entre outros sentimentos, dando mais sentido para um contexto, estabelecendo o significado de um sinal, pois o corpo é um espaço eminentemente expressivo. (MERLEAU-PONTY, 1999).

Para tematizar as questões propostas, fez-se necessária a elaboração de uma metodologia para identificar a percepção dos surdos com relação à corporeidade das intérpretes. Para tanto, foi realizada, em um primeiro momento, uma filmagem com cinco intérpretes contando a mesma história em uma cidade do noroeste do Rio Grande do Sul. Posteriormente, foi feita uma análise desta filmagem por seis surdos universitários de Passo Fundo, que se dividiu em três momentos diferentes que objetivaram compreender a percepção dos sentidos que os surdos produziram ao analisar a corporeidade da intérprete de língua de sinais. A partir dessa análise foi possível perceber a emergência de duas categorias: as expressões faciais e corporais e a interpretação no contexto da história. Com base em contribuições de Merleau-Ponty, entre outros autores que contribuem para compreender o corpo como um espaço eminentemente expressivo, os resultados finais direcionam-se para o fato de que o uso adequado do movimento das mãos, do tronco, da cabeça, das expressões não-manuais e



do conhecimento gramatical, não necessariamente redundante em um corpo que fala. A intérprete deve evidenciar, ao interpretar em língua de sinais, uma emoção, uma clareza, um sentido, isto é, uma corporeidade como instância de produção de sentidos, algo requerido pelos jovens surdos em suas análises.

No primeiro momento, as respostas dos surdos, ao analisar a corporeidade das intérpretes de Libras, mostram que existe a necessidade de uma “fala corporal” para além dos sinais, ou seja, houve muitas ausências da expressão facial e corporal pelas intérpretes. As emoções dos personagens da história contada precisavam ser (e nem sempre foram) interpretadas com o mosaico de sensações adequado à narrativa em questão. Os surdos universitários descrevem a necessidade de haver um corpo sóico, portador de emoções, de corporeidade e de sensibilidade e que consiga transmitir para eles toda a carga emocional que compõe uma história.

A interpretação é muito mais que um enfoque técnico, um corpo que executa corretamente os sinais. Traduzir uma história é vivê-la corporalmente para poder traduzi-la. É propiciar aos olhos do surdo, através da corporeidade do intérprete, vivenciar as interlocuções dos personagens, percebê-los e repassá-los de forma sensível, transmitindo corporalmente sentimentos, expressões de alegria, tristeza, raiva, amor, medo entre outras, dando mais sentido para um contexto, determinando com mais amplitude o significado de um sinal.

Merleau-Ponty (1999) enfatiza que o corpo é um espaço eminentemente expressivo, um conjunto de significados, fruto de experiências vividas e, sendo assim, de múltiplas leituras e releituras. Assim, é possível entender as diferenças de cada uma das intérpretes na tradução da Libras para o português e vice-versa. Seus corpos são as suas narrativas de vida, cimentadas nas percepções únicas de cada uma no seu cotidiano. Nesse contexto, uma corporeidade com intencionalidade diferenciada pode ser percebida, o que leva os surdos muitas vezes a expressões um pouco “duras”, tais como: *rosto e cabeça não têm expressão, nada* (surdo 2), *é, morreu da cabeça* (surdo 2) *rosto morto, não há expressão* (surdo 4), *falta corpo* (surdo 5).

No segundo momento desta pesquisa, a proposta foi explicar aos surdos de forma sucinta o que é a corporeidade e, após explicações detalhadas sobre o que são as expressões não-manuais, novamente fazer a análise da história já mencionada. Na análise do Protocolo das Expressões Não-manuais da Língua Brasileira de Sinais (FERREIRA BRITO; LANGEVIN apud QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 6), os resultados finais da análise quantitativa foram de noventa registros feitos por seis surdos analisando cinco intérpretes e foi estratificado conforme o protocolo em rosto, cabeça, tronco com ombro. Partindo das noventa intervenções, a cabeça foi a menos citada com 18 registros o que correspondeu a 20%. Em seguida, o tronco com ombro, 31 citações, das quais nove apontamentos foram de ausências, contra vinte e duas presenças.

O tronco alcançou 34% das referências. Quanto ao rosto, compreendendo a sua parte superior, inferior e o rosto como um todo, recebeu 41 registros, o que, de um total de noventa (90), correspondeu a 46%, sendo que os próprios números nos revelam que o *rosto* foi a parte do corpo que recebeu a maior parte das inferências pelos surdos ao analisar os intérpretes no uso das expressões não-manuais. Este dado merece ser salientado, pois é o resultado de uma análise detalhada da opinião de seis surdos universitários sobre a interpretação de cinco intérpretes.



As análises dos surdos são reveladoras ao comentarem sobre o processo interpretativo das intérpretes, pois *todos* os surdos, embora com intensidades e percepções diferenciadas, dizem de forma direta ou nas entrelinhas que, mesmo respeitando todos os aspectos linguísticos da Libras, além do uso do Protocolo das Expressões Não-manuais, *é preciso algo mais do intérprete*, é preciso que o corpo seja a expressão da linguagem, que o contexto corporal “vivo” e significativo da intérprete ultrapasse as barreiras de uma interpretação corretamente executada, mas mecanicista. O resultado é que muitas vezes ocorre a *“falta de expressão facial e corporal, também não mostrou emoções diferentes e a narração de uma história sempre apresenta emoções diferentes durante a cena”* (surdo 5).

Quando uma intérprete de Libras fala usando as mãos, a cabeça, a face, os ombros, o tronco, existe também o “não dito”. O poder de dizer o “não dito” ou o não pensado remete ao irrefletido, presente no olhar do outro, por meio de uma linguagem muda, silenciosa, mas viva (SILVA, 1994, p. 52), porém, muitas vezes, relegada a um segundo plano. Também é importante observar as citações destacadas no quadro, pois mesmo utilizando o Protocolo sobre as ENM para analisar, os seis surdos continuam falando em expressão facial e corporal, ou seja, os mesmos esperam que as intérpretes usem sua corporeidade.

Os movimentos corporais e faciais complementam as palavras, as frases, a mensagem, a história... A expressividade facial e corporal é fundamental nas línguas gestuais e se mostra imprescindível para dar sentimento e uma melhor contextualização do que está sendo gestualizado. Isso é evidenciado na análise realizada, pois os surdos afirmam que algumas intérpretes tiveram dificuldade para repassar o contexto da história em Libras. O gesto de “triste” não consegue por si só ter a consistência que o significado lhe impõe, se não estiver aliado à expressão natural e efetiva das expressões corporais e faciais das intérpretes. Esse dado é passível de ser observado pelos surdos nas falas como: “faltou a expressão séria” ou “rosto morto”.

A surda 6 diz que falta “algo mais” na análise do Protocolo das ENM. Que algo mais? Os fundamentos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos da Libras, mais as ENM ainda não são suficientes para uma perfeita compreensão da história. Por quê? É possível perceber que somente a forma tecnicista e pedagogicamente correta é insuficiente para a perfeita interpretação e compreensão da história “A jovem mulher” pelos surdos. Onde está a corporeidade que acompanha os gestos? O surdo 4 afirma que *“a corporeidade é importante para interpretação da Libras, porque pode esclarecer o contexto ou sentido do sinal”*. Ratifica-se nessa fala, a importância da corporeidade para este surdo. Quanto mais vivo for o nosso corpo, mais vivamente *estaremos* no mundo, conseqüentemente, nas nossas interpretações, pois “a essência da excelência na interpretação não está nas suas formas exteriores, mas no seu propósito determinado. Não é o sorrir por sorrir, o chorar por chorar, não é atuar de um modo geral, pela atuação em si mesma, mas interpretar sempre com um objetivo definido e claro” (ARRIENS, 2005, p. 79).

Concluindo o percurso metodológico desta pesquisa, no terceiro momento, foi feito um diálogo com os seis surdos. Suas posições mostram um grupo com falas coerentes, opiniões bem definidas e argumentadas e que comentaram que a configuração e a gramática de um sinal é essencial na Libras, mas o corpo também precisa ser detentor de significação. “Quando falamos de linguagem e expressão



corporal, estamos aludindo à existência de uma articulação de gestos e expressões que geram a FRASE CORPORAL, frase essa, em geral, difícil de traduzir em “palavras”. Mas ela nos traz um discurso conceitual que, quanto mais potente e convincente for, não só comove, mas, acima de tudo, mobiliza” (ARRIENS, 2005, p. 78).

O homem é corporeidade quando não se reduz apenas ao corpo material, mas por ser/estar no espaço, por ser presença e constituir-se em fenômeno corporal. As expressões corporais e faciais das intérpretes quando usadas adequadamente, aliadas à execução correta da configuração das mãos, unem-se e formam uma totalidade como expressão, linguagem, como um corpo presente e falante.

O corpo necessita do outro para lhe atribuir sentido e lhe dar forma. Quando um sujeito aparece nas práticas sociais e discursivas, os seus gestos são percebidos, assim como a sua atenção, memória, desejos e controle da sua vontade, porém, muitas vezes, passam despercebidos. O corpo é simbólico nos pequenos atos diários e porta em si a marca da vida social que possuem impressa, transformações que, muitas vezes, não podem, dentro de limites virtuais, ser observadas. Seguem-se parâmetros culturais de pertencimento a um grupo social e de concordância com seus princípios.

A interpretação do surdo não pode ser comparada a um “espectador” que assiste a uma peça de teatro ou a uma novela na televisão. O ato cognitivo-linguístico corresponde a um processo de interpretação para o surdo que é muito mais complexo, principalmente se pensarmos que do outro lado desse processo comunicativo há uma linguagem específica que é a Libras e que se constitui no elo do surdo com o mundo, assim como a visão e a fala são fundamentais para nós ouvintes na interação com o mundo.

Cada pessoa, cada intérprete deve perceber seu corpo, pois em cada movimento, em cada sinal utilizado ela apresenta características que lhe são próprias, atitudes ou trejeitos pessoais, conscientes ou inconscientes, formas de comunicar-se, de interagir, de expressar seu “eu”.

A razão, a emoção, o intelecto e a espiritualidade constituem-se na base da dimensão humana. Não se pode conceber um ser humano que acredita apenas na competência intelectual no processo educacional, desvinculando ou ignorando no cotidiano aspectos essenciais como emoções, que devem permear toda e qualquer relação entre as pessoas, seja educando/educador ou intérprete/surdo. É preciso que se tenha uma visão macro da profissão da intérprete, uma visão sistêmica que propicie ações pedagógicas eficazes bem mais complexas do que um sinal adequado a uma interpretação de Libras/português e vice-versa.

No processo de inclusão dos surdos na Libras, é preciso se pensar que o corpo não é só “corpo”, mas é um veículo de “comunicação vivo”, de interlocução entre a intérprete e o aluno surdo. Acredito que essa pesquisa evidenciou o fato de que, na medida que houver uma “fala corporal”, “olhos nos olhos”, “mãos que falam”, um “rosto expressivo” no binômio aluno/intérprete, a criança, o adolescente e o adulto surdos inseridos na escola, poderão aprender com muito mais facilidade. As falas dos surdos universitários são bastante eloquentes neste sentido.

A questão é que se perde a dialogicidade do corpo, muitas vezes não se busca ultrapassar a dicotomia sujeito/homem. Ainda se vive numa sociedade onde a fala é instituída, possuímos em nós significações já formadas que não exigem de nós nenhum



esforço verdadeiro de expressão e não exigem do ouvinte esforço para a compreensão, e o corpo ainda é percebido com um enfoque biológico e não da corporeidade. Perdemos assim, a consciência do que há de contingente na expressão e na comunicação e acabamos deixando de refletir sobre ela (MERLEAU-PONTY, 1999).

REFERÊNCIAS

- ARRIENS, Marco Antônio. *Corpo e espaço nas línguas de sinais*. Congresso Surdez e Universo Educacional, 2005. INES, Divisão de Estudos e Pesquisas. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.ines.gov.br/paginas/publicacoes/Anais/Anais.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2009.
- BRASIL, República Federativa do. Lei n.º 10.436 de 24 de abril de 2002. *Língua Brasileira de Sinais*. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2002.
- QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre: ARTMED, 2004.
- QUADROS, Ronice Muller de; PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. *Língua Brasileira de Sinais I*. Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Florianópolis, 2009.
- PERLIN, Gládis; MIRANDA, Wilson. Surdos: o narrar e a política. *Ponto de Vista*, Florianópolis, n.05, p. 217-226, 2003
- FADERS (*Fundação de Articulação e Desenvolvimento das Políticas Públicas para PPDS e PPAHs do RS*) et al. *Surdos: Direitos Humanos e Surdez*. A acessibilidade promovendo a cidadania dos surdos. Porto Alegre: GRAFO, 2002.
- MÈLICH, Joan-Carles. *Del extraño al cómplice: La educación en la vida cotidiana*. Barcelona: Ed. Anthropos, 1994.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1999.
- NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. "Corporeidade". *Visão Global*. São Miguel do Oeste: UNOESC, 2000. V. 1, n. 10 junho p. 25- 60.
- SILVA, Úrsula Rosa da. *A linguagem muda e o pensamento falante: sobre a filosofia de Maurice Merleau-Ponty*. Porto Alegre: EDIPUC, 1994

Abstract: *The theoretical references specialized in the deafness area are substantial to approach the importance of the Brazilian Sign Language (LIBRAS) as a linguistic phenomenon. However, in this research, we looked for a reference on the materiality of the body. From this perspective, this work focused specifically on the use of the “non-manual expressions” to produce meanings. It aims at the dialogue between the interpretation and the materiality of the body of the LIBRAS interpreter, in other words, to observe the interpretation beyond the production supported by a dualist and technicist body, but for the “untold”. For this purpose, five interpreters were recorded and analyzed by six deaf individuals, whose analysis raised two categories: the facial and bodily expressions and the interpretation of the context of the story. With contributions of the Merleau-Ponty’s work, among other authors, the final results pointed to the fact that an adequate use of the non-manual expressions and grammar knowledge not necessarily produce a speaking body. The interpreter must evidence, when interpreting the sign language, emotion, clarity and meaning, that is, a materiality of the body as a part of the production of the meaning for the deaf individuals.*

Keywords: *Interpreter. Sign Language. Materiality of the body. Inclusion.*